

## PROPAGANDO AS IDEIAS DA REVOLUÇÃO DA GRAMATIZAÇÃO COMO ABORDAGEM PEDAGÓGICA

Tainá Dias de Souza (UFF)  
[diastaina@id.uff.br](mailto:diastaina@id.uff.br)



Auroux, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014.

<https://www.amazon.com.br/Revolu%C3%A7%C3%A3o-Tecnol%C3%B3gica-Gramatiza%C3%A7%C3%A3o-Sylvain-Auroux/dp/8526810847>.

O livro “A revolução tecnológica da gramatização” foi escrito por Sylvain Auroux, um professor de Filosofia nascido em 28 de julho de 1947 em Paris, França, e que possui uma extensa lista de publicações e pesquisas na área da linguística, como, também, reconhecimento internacional a partir da sua obra, que traz contribuições relevantes para a temática. Ele é o fundador e atua como pesquisador da CNRS (Centre National de La Recherche Scientifique) desde a sua fundação em 1979, e que carrega como objetivo o estudo sobre a história e a epistemologia das ciências da linguagem. Auroux também é diretor do Departamento de História das Teorias Linguísticas da *École normale supérieure lettres et sciences humaines* (CNRS/Université Paris 7).

Dentre as suas obras mais famosas, contamos com o livro “A revolução tecnológica da gramatização”, no qual possui uma certa influência e atualidade, principalmente a partir dos debates a respeito da revolução tecnológica na linguagem que vêm se consolidando nos últimos anos. É possível compreender a relevância, já que a obra continua sendo referência dentro dos programas acadêmicos como recomendação da leitura, com a finalidade de levantar debates e questionamentos sobre a influência da obra na atualidade. Também pode ser visto através do contínuo contexto da globalização extrema e crescente, com o contato de muitas línguas de forma acessível, uma temática bastante discutida na obra. Os atuais questionamentos têm sido relevantes principalmente entre pesquisadores, professores e estudantes sobre a importância do estudo da linguagem, agora, por meio de novos usos da tecnologia, e, de como as práticas do seu uso e ferramentas viabilizam esse formato e novas investiga-

ções. No entanto, não se esquecendo das primeiras obras que abordam a tecnologia, como a ferramenta de tradução e do surgimento da gramática, como também a reflexão de novos estudos que permitiram novos avanços no que é chamado de tecnologia nos dias atuais. Levando em consideração os inúmeros estudos e pesquisas fundamentadas há algumas décadas, a obra de Auroux tem por objetivo geral trazer informações pertinentes a respeito da linguagem como estudo e prática científica, no qual o autor considera “tão importante para a história da humanidade quanto à revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial do século XIX” (2014, p. 9), e causar rupturas naquilo que ele intitula como “mitos” da hegemonia do comparativismo, que exerceu influentemente durante o século XIX como verdade absoluta no estudo da linguagem, para a disseminação dos atuais conhecimentos linguísticos.

A obra conta com 142 páginas, discorrendo sobre três fundamentos teóricos, nos quais são apresentados em três capítulos, e em duas teses que argumentam as escolhas do autor a respeito dos objetos de pesquisa. A primeira tese aborda o surgimento do pensamento científico da linguagem, e afirma a importância da escrita nos milênios anteriores, para fundamentá-los como cientificação da linguagem. Já na segunda tese, Auroux apresenta como consequência a revolução da gramatização, que se manifestou com os surgimentos das gramáticas e dicionários das línguas do mundo. Suas pesquisas foram frutos de anos de dedicação ao projeto que contava com a participação de cerca de 80 pessoas que colaboraram para a busca dos resultados finais.

O primeiro capítulo, que se intitula como “O nascimento das metalinguagens”, se atém com a finalidade em responder duas perguntas: a primeira, “Sob que formas se constitui, no tempo, o saber linguístico?”; e a segunda, “Como essas formas se criam, evoluem, se transformam ou desaparecem?”. Com isso, o autor optou por escolher três princípios para a investigação dos seus objetos de pesquisas: “a definição puramente fenomenológica do objeto, que se apoia no estudo de uma situação que ocorre em grande escala; o da neutralidade epistemológica, ou seja, sem interferência nos fatos por elementos subjetivos na pesquisa; e o do historicismo moderado, apresentando retrospectiva temporal, apenas para questões de memórias, produto histórico e o saber”. Auroux ainda faz questão de reafirmar que todo o novo saber não exclui as teorias do passado, mas traz conhecimento para a atualidade e prepara caminhos para o futuro, pois, para ele, a história não deve ser esquecida, mas sim, construída e percorrida. Ele entende que há uma multiplicidade linguística na

consciência do falante e com isso, trata a importância do saber metalinguístico e os três domínios, que são nomeados por “enunciação”, o uso da língua pelo falante num dado contexto comunicativo; “das línguas”, os idiomas; e “da escrita”, signos gráficos. E que esse pensamento se intensificou com os surgimentos da imprensa com a disseminação cultural e contextual para o processo da gramatização.

No capítulo dois, o autor aborda o tema como “O fato da gramatização”, que contextualiza o processo da segunda revolução técnico-linguística, a partir da gramatização massiva, ao decorrer do desenvolvimento mundial das “concepções linguísticas”, expressão do pensamento, objetivo para a comunicação e o processo de interação verbal. Isso ocorre através da história, desde o século V até o final do século XIX. Aqui, Auroux enfatiza a influência da questão regional no processo que a gramatização massiva das línguas teve. Esta, tendo acontecido predominantemente na Europa, levantando questões problemáticas de cunho epistemológico (no conhecimento) e do contexto histórico. O autor menciona a importância que tem a gramática tanto para qualquer língua, seja esta materna ou de aquisição, atenuando-se para a relevância da pluralidade linguística a partir dos idiomas citados por ele; estes são: latim, árabe, gaulês, provençal, hebraico, persa, malês, turco; tal como o fenômeno que ocorre do distanciamento e fragmentação em relação ao latim originando o italiano, espanhol, francês, português, alemão e inglês. Auroux exemplifica as suas afirmações, para melhor compreensão, trazendo neste capítulo gráficos e ilustrações com cronologias da gramatização dos vernáculos. E finaliza, reforçando que “a segunda revolução técnica-linguística não deve ser entendida no sentido das ciências como é proposto por T. Kuhn.”

No capítulo três, intitulado como o “conceito de gramatização”, que definida “pelos europeus supõe a alfabetização, isto é, majoritariamente, a transcrição de uma língua em caracteres latinos” (p. 65). Para Auroux, esse processo pode ser identificado como selvagem primeiramente para o aprendiz até o resultado ser lapidado. Ele defende que o saber metalinguístico (a gramática e o dicionário) é considerado um dos pilares fundamentais para o processo da aprendizagem do modo formal; reitera que é necessário que a gramática esteja em constante avaliação para acompanhar os falantes e aprendizes da temporada atual, no entanto que a preservação é de suma importância para que não se perca a língua e a sua história, caso esta não seja gramatizada. Para o autor, a parte pedagógica tem uma participação importante no ensino da gramática. A gra-

mática é um processo de aprendizado, é o que indica a formalização, e a lexicografia (dicionário) é um instrumento pedagógico da humanidade, segundo o autor.

Portanto, é possível considerar a obra como um marco revolucionário linguístico, se atentando para o não descarte dos estudos e teorias passadas, mas como base para as fundamentações das novas. Levando em consideração a contextualização social e histórica que difunde esta ideia como ciência. Auroux compreende essa linha cronológica como essencial para as descobertas dos seus estudos e traz reflexões quanto ao processo do ensino–aprendizagem do idioma por meio da gramática, oficializando o instrumento como documento que assegura a existência da língua, mesmo que não haja mais o falante no contexto de língua materna. Outra reflexão plausível é entender que estudar a gramática é aprender a língua no seu contexto formal, respeitando regras gramaticais e lexicais. A obra traz reflexões inumeráveis, incapazes de serem abordadas neste presente documento, no entanto relevantes para difundir-las em inúmeros debates e propostas de ensino da língua, como embasamento teórico de estudos e pesquisa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auroux, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2014.